

O *Slam do Corpo* e a Representação da Poesia Surda

RESUMO: O *Slam do Corpo* se configura como o primeiro Slam do Brasil que envolve poetas surdos e ouvintes. A partir da compreensão dos elementos que envolvem o Slam Poetry, criado pelo artista Marc Kelly Smith na década de 1980, e das expressões visuais-gestuais-espaciais que envolvem a Língua Brasileira de Sinais, este trabalho busca apresentar as principais características e artistas que, através da poesia surda, desenvolvem reflexões sociopolíticas acerca da temática da surdez, mas também da comunicação e interação entre surdos e ouvintes.

PALAVRAS-CHAVE: Slam do Corpo. Poesia surda. Arte-política.

The “Slam do Corpo” and the Representation of Deaf Poetry

ABSTRACT: The *Slam do Corpo* is configured as the first Slam of Brazil that involves deaf poets and listeners. From the understanding of the elements that surround the Slam Poetry, created by the artist Marc Kelly Smith in the 1980s, and the visual-gestural-spatial expressions involving the Brazilian Sign Language, this work seeks to present the main characteristics and artists that through of deaf poetry, develop sociopolitical reflections on the theme of deafness, but also on the communication and interaction between the deaf and the hearing.

KEYWORDS: Slam do Corpo. Deaf poetry. Art-politics.

Natielly de Jesus Santos¹

INTRODUÇÃO

O *Slam Poetry* foi criado na década de 1980 pelo estadunidense Marc Kelly Smith, que apostou nesta modalidade diferenciada de representação performática da poesia, que até então, como ele afirma, estava reservada aos grupos elitistas de Chicago (SMITH, 2017)². Com o passar do tempo, o *Slam Poetry* teve influência do movimento Hip Hop, o que trouxe

¹ Natielly de Jesus Santos é graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia e atualmente mestranda em Literatura e Cultura pela mesma instituição. Endereço eletrônico: santosnatielly.ufba@gmail.com

um enriquecimento para as temáticas apresentadas nas poesias, abrindo espaço para discussão de problemas sociais, como racismo, machismo, LGBTQIfobia, desigualdades, e hoje está espalhado por vários lugares do mundo, presente em países da América Latina, Europa, África. Peixoto (2017), afirma que no ano de 2017 foi contabilizado mais de 80 *slams* pelo Brasil, um índice cada vez mais crescente no nosso cenário cultural nacional.

O caráter competitivo do *Slam*, com as famosas batalhas de poesias autorais, em que um poeta se apresenta e um grupo de jurados dá notas de 0 a 10, numa espécie de confronto indireto, trouxe uma nova perspectiva para o que até então se entendia por representação poética. Aqui no Brasil, a *Slammer* Roberta Estrela D'alva, uma das principais responsáveis por difundir a modalidade no país, e criadora do ZAP (Zona Autônoma da Palavra) primeira competição de Slam do Brasil, afirma que,

Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, o poetry slam se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo (D'ALVA, 2011, p.120).

Em outra ocasião, D'Alva enfatiza o caráter social, político do *Slam* “A gente precisa de poesia para conseguir imaginar outro mundo possível. Você consegue imaginar o mundo sem racismo? O mundo sem machismo? Como seria? É isso que tão minando da gente, a nossa capacidade de imaginar. É o nosso imaginário que está em disputa. Então por isso que a gente tem que povoar o imaginário³”. É a partir desse imaginário de um mundo mais igualitário e de inclusão, que surge o *Slam do Corpo*.

SLAM DO CORPO

Criado pelo grupo Corpo Sinalizante, o *Slam do Corpo* é o primeiro *Slam* no Brasil que reúne poetas surdos e ouvintes numa performance que envolve a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O artista surdo Leonardo Castilho, um dos idealizadores

2 Entrevista cedida ao documentário *Slam: Voz de Levante* (2017), Direção: Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D'Alva

3 Entrevista realizada pela revista Vice, disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/avakgi/conheca-roberta-estrela-dalva-avon-femme. Acesso em 10 jul. 2019.

e integrantes do grupo, utiliza a metáfora “Beijo de Línguas” para explicar essa relação e trocas de experiências durante o *Slam do Corpo*. Segundo ele, “há um compartilhamento do trabalho entre surdos e ouvintes, e não uma fusão entre essas culturas⁴”.

Neste *Slam* ocorrem dois momentos chamados: Corpo Aberto e Batalha. No primeiro, o microfone é aberto para qualquer pessoa apresentar uma poesia livremente e em qualquer língua. No segundo, ocorre a competição de poesias. As regras que compõe o *Slam do Corpo* são as mesmas estabelecidas em outros *Slams*: as poesias devem ser autorais, ter duração máxima de 3 minutos e não devem ser utilizados figurinos e adereços, cenários. Nas batalhas são formadas duplas de surdos e ouvintes, que apresentam poesias autorais com temática livre e os jurados são escolhidos minutos antes das apresentações, composto por pessoas surdas e ouvintes da plateia que dão notas de 0 a 10. Os vencedores na maioria das vezes recebem livros e prêmios educativos⁵.

O diferencial no *Slam do Corpo*, além dessa relação entre surdos e ouvintes, é sem dúvida a representação das identidades e culturas surdas através da performance poética. O corpo surdo, até então visto pela sociedade numa perspectiva patológica, deficiente auditivo, mostra a sua força afirmando sua presença enquanto matéria criativa, produtiva, enquanto corpo que também é lugar da memória⁶. O artista surdo Rimar Segala (2010) nos chama atenção para onde está localizada esta memória a partir dos registros da poesia e literatura surda no geral. Segundo ele,

Antes do surgimento da tecnologia de gravação, os surdos contavam as histórias presencialmente, sem a possibilidade de registros para gerações futuras, devido à falta de oportunidade de acessibilidade para escrever em Português e também por acreditar que não tinham capacidade para divulgar seus conhecimentos, já que se julgavam inferiores e não possuidores de informação. Porém, no presente momento, a cultura surda está se desenvolvendo muito fortemente devido às formas atuais de registros, que podem ser feitas através de gravação de imagem e também pela escrita em Português ou SignWriting. (SEGALA, 2010, p.23)

4Palestra ministrada na segunda edição do evento *Diversilibras – (Des) Construção de Preconceitos*, que ocorreu em 21 set. 2018, na Universidade Federal da Bahia (UFBA)

5“O que é o Slam do Corpo?” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yjp1TWE10q0>. Acesso em 17 jul. 2019.

6Corpo-memória é um termo utilizado pela autora Leda Maria Martins em *Performances da Oralitura: Corpo, lugar da memória* (2001)

Não podemos deixar de citar que durante muitos anos, pessoas surdas passaram por procedimentos violentos, dolorosos, inclusive tendo mãos amarradas no ambiente familiar e em instituições de ensino, sendo impedidas de se expressar por meio das línguas de sinais. Em prol do que a sociedade ouvinte entende por “normalidade”, a oralização prevalecia como método de ensino-aprendizagem⁷. Entretanto, mesmo com esse histórico, os gestos e a sinalização prevaleceram e atravessaram gerações, criando linguagens corporais presentes na população e na comunidade surda, é possível pensar nos gestos, na sinalização, que passou e passa por gerações, presentes na população e comunidade surda. Sobre a relação entre corpo e linguagem, a autora Leda Maria Martins utiliza o termo “oralitura” para destacar a relação entre performance, memória e ancestralidade. Apesar de etimologicamente o termo “oralitura” nos remeter à literatura que surge e se constrói a partir da oralidade, Martins vai além deste significado e afirma que,

O termo oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significante e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na velocidade. (MARTINS, 2001, p. 84).

É este corpo em movimento, repleto de sentidos, que envolve a poesia surda presente no *Slam do Corpo*. Nesta atividade, percebemos que, por meio dos gestos e expressões, a Libras se amplia enquanto língua, fazendo com que, por exemplo, a palavra seja o recurso menos importante, mas sim a sensação que a poesia provoca em quem faz e em quem assiste. Outra característica a ser considerada na poesia surda, é a forma como ela se constitui. Para Segala (2016 apud MOURÃO) “a rima, que para os ouvintes se realiza a partir da sonoridade, no caso dos surdos é construída com as configurações de mão, que obviamente não ocorre na literatura em português. São equivalências.”

A POESIA DE RESISTÊNCIA

⁷ Em 1880 ocorreu o Congresso de Milão, em que ficou instituído que a oralização deveria prevalecer no ensino de pessoas surdas, proibindo a utilização de línguas de sinais e qualquer gestual.

Pensar na poesia surda que se expressa através das mãos, do corpo, também é pensar no ato incansável de luta e resistência das populações e comunidades surdas pelo seu empoderamento linguístico e identitário. Um dos maiores representantes da poesia surda e também *Slammer*, Edinho dos Santos, constantemente afirma a sua identidade enquanto surdo e negro. Podemos observar dentro da sociedade preconceituosa e racista na qual estamos inseridos, que fazer parte de dois grupos minorizados (surdo e negro) é viver constantemente numa postura de resistência, e o Edinho aborda essa questão a partir das suas performances. Na sua poesia *Negro Surdo*, em que faz parceria com o artista ouvinte James Bantu, nos seguintes trechos ele expõe:

Vocês conhecem poesia?
Eu trago poesia de periferia
Poesia de favela
Identidade negro-surdo
A cidade me alveja com seus sons
Com suas luzes, suas faíscas
São como estrelas caídas no chão(...)

Se trancam minhas mãos, trancam minha fala
Como comunico? Como me explico?
Eu preciso das mãos para falar
A polícia não entende
A comunicação não funciona
Não fala a nossa língua
Não tem referência. (SANTOS, 2017)

Aqui dois pontos devem ser levados em consideração. O primeiro se refere a essa identidade negro-surda, já citada anteriormente. A poesia surge então, não só como uma ferramenta a ser utilizada para que o sujeito exprima suas subjetividades, mas também como espaço para reflexão acerca das suas vivências, experiências e identidades, que podem partir do individual, e que se relaciona diretamente com o coletivo, como o sujeito se vê socialmente e como a sociedade o vê. O segundo ponto abre discussão para o racismo institucional que na poesia *Negro Surdo* tem como principal operador de opressão a polícia, mas que podemos expandir para outros setores institucionais públicos e/ou privados que não estão preparados para a comunicação com pessoas surdas, tampouco com o ideal de inclusão e acessibilidade. O trecho “se trancam minhas mãos, trancam minha fala”, além de explicitar tal violência,

também nos remete ao fato de que os surdos têm voz, têm nas suas mãos a força da expressão, e se essa voz, esse corpo, são silenciados e impedidos de falar, como agir? “Como me explico? Como me comunico?” (SANTOS, 2017)

A relação entre a dupla de surdos e ouvintes que compõe o *Slam do Corpo* também é algo que deve ser destacado. O que muitos podem confundir como uma espécie de tradução/interpretação da poesia em Libras para Língua Portuguesa, ou vice-versa, na realidade se apresenta como uma relação intermodal, complementar, pois neste caso, nenhuma das duas línguas se sobrepõe à outra, no entanto interagem entre si através dos *performers*. É uma relação que envolve uma língua oral/auditiva e uma língua visual/gestual/espacial. Não se trata de uma tradução literal, mas uma criação conjunta em que um e outro exprimem se complementa. O artista ouvinte James Bantu comenta a sua relação com o Edinho dos Santos, com quem costuma fazer parceria nos *Slams*: “Inicialmente eu fui convidado a ler a poesia, mas eu disse não. Se eu tiver que ler alguma coisa, que seja o Edinho⁸”.

O *Slam do Corpo* abre possibilidades para que as pessoas ouvintes possam compreender a importância da inclusão na nossa sociedade, possam reconhecer as pessoas surdas dentro das suas múltiplas identidades como o surdo negro, surdo LGBTQI, a mulher surda, surdos oralizados(as), implantados⁹ (as), conhecedores (as) ou não da Libras, que também passam por processos de invisibilidade social. Além disso, este *Slam* fomenta a circulação dos artistas surdos espalhados pelo país, incentivando a produção criadora destes indivíduos e fazendo com que outras pessoas surdas que não necessariamente sejam artistas, se sintam representadas política, econômica, artisticamente.

Como outro exemplo importante nesta expressão artística, podemos citar a artista surda Catherine Moreira. Ela representa, a partir das suas performances, a valorização da utilização da Libras, bem como o movimento feminista cada vez mais crescente no país. Estima-se que inúmeras mulheres surdas, não conseguem realizar denúncias de agressão e/ou abusos por falta da presença de intérpretes nos setores públicos, além da falta de conhecimento da Libras pelos funcionários responsáveis.¹⁰ Através da poesia, Moreira nos

⁸Entrevista realizada pela TRIP TV disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=20dovmD3Y1A&t=34s>. Acesso em 12 jul. 2019

⁹ Surdos que utilizam o implante coclear

apresenta de forma contundente a relação entre surdos e ouvintes. Em *Pequeno Manual da Cultura Surda*, em que faz parceria com o artista ouvinte Cauê Gouveia, ela expõe:

Um: A palavra é surda!
Não é surda-muda
Muda, é uma pessoa que não tem voz
O surdo tem voz
Se você duvida, deixa ela gritar no seu ouvido
Dois: Libras é uma língua completa com gramática e tudo
Não é mímica
Igual... Aquele jogo... Imagem e ação!
Não!
Também não é gesto
Tipo... “o banheiro é pra lá!”
Sinais podem significar palavras
Mas também representam estados emocionais diferentes
Que deixam palavras como S-A-U-D-A-D-E, no chinelo!
Quer ver?
Saudade...
Três: Não existe milagre
“Por que essa surda não usa aparelho, pra ouvir logo?”
Todos os procedimentos para normalizar as pessoas
Envolvem dor, custo e risco
Envolve dizer “você tá errado!”
“Você tá errada!”
Tem um padrão e você não se encaixa
Quer aprender um sinal?

10 Matéria realizada pelo jornal online O Globo, disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/mulheres-surdas-nao-conseguem-denunciar-violencia-domestica-por-falta-de-interpretas-23597017>. Acesso em 18 jul. 2019

Opressão!
Quatro: O surdo pode ser esperto, lerdo, legal
Chato, tímido, bravo
Homem, mulher
Nenhuma das alternativas
Todas as alternativas
Igual a uma pessoa, sabe?
Se você se sente diferente, assustado
Incomodado com o outro
Quer aprender?
Empatia, Empatia!¹¹

De forma dinâmica e expressiva, Moreira apresenta as questões que envolvem vivências da população surda, mas também assume uma postura de luta contra a invisibilização destas diversas identidades, mostrando que também podemos ser iguais nas nossas diferenças. No trecho sobre a palavra “saúde”, Moreira faz uma comparação entre a palavra em Língua Portuguesa, com a forma como a mesma é dita em Língua de Sinais: mão fechada com o polegar sobre os outros dedos (letra S, em Libras) com movimentos circulares sobre o peito. Esta configuração nos aponta o caráter visual, imprescindível na poesia surda. Esse formato poético exige a presença do corpo e a possibilidade visual para sua concretização, pois grande parte da expressão se dá a partir do corpo dos seus poetas. Esse caso exemplar, da palavra saúde, indica os limites da poesia escrita que, sem o corpo realizando a sinalização, carece de sentido. Como afirmado anteriormente, no *Slam do Corpo*, o corpo presente é constituído e constitui linguagem, sendo parte fundamental do fazer poético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹¹ Slam do corpo no manos e minas: empatia. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jP3Qt67Ua2o>
Acesso em 13 jul. 2019

Além do *Slam do Corpo*, atualmente temos grupos de *Slams* de poesia surda espalhadas por alguns lugares do país. Podemos citar com mais precisão o Slam da Resistência Surda, organizado pela artista surda Gabriela Silva no sul do país, e o Slam das Mãos organizado por artistas, professores e produtores culturais da cidade de Recife (PE). Estes Slams vêm ganhando grandes proporções dentro das comunidades surdas, realizando apresentações em praças públicas, parques, museus, com participação em eventos e festivais dentro e fora do país¹². A maioria dos artistas surdos que fazem parte dos *Slams* desenvolvem também oficinas de poesia surda, palestras, *workshops*, o que incentiva essas produções artísticas e registros para a posteridade.

Tais práticas abrem espaços para estudos linguísticos e culturais acerca da relação entre a Libras e Língua Portuguesa, sem hierarquias ou julgamentos de valor, buscando uma maior compreensão de como os sujeitos interagem com essas duas línguas, a partir das suas vivências, tendo a poesia como ferramenta essencial na construção desses saberes.

Por fim, a arte se mostra mais uma vez como facilitadora dos processos de expressão e descobertas do indivíduo, transformando espaços e convenções, atravessando barreiras linguísticas e/ou sociais, apresentando novas possibilidades para o individual e o coletivo. Numa perspectiva futura, e não tão distante, o *Slam do Corpo*, assim como várias atividades artísticas em setores como cinema, teatro, música, dança, artes visuais, etc, alcançará proporções ainda mais significativas e encorajadoras para as múltiplas (re)existências surdas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Peu. **A Roberta Estrela D’Alva tem um papo pra te dar**. VICE. 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/avakgj/conheca-roberta-estrela-dalva-avon-femme>. Acesso em 10 jul. 2019.

BATISTA, Guilherme Martins. **O que é o slam do corpo?** 2017. (2 min. 54s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yjp1TWEI0q0>>. Acesso em 17 jul. 2019.

BINOONO, Paula. **Você é surdo ou ouvinte? Etnografia com surdos em Juiz de Fora - MG**. 2013. 70 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais, Juiz de Fora, 2013.

¹² O Slam do Corpo já participou de alguns festivais internacionais, a partir de seus artistas representantes, como por exemplo, o Festival *Clin D’oïel* (França), que reúne artistas surdos de vários países.

COSTA, Giulia. **Mulheres surdas não conseguem denunciar violência doméstica por falta de intérpretes**. O GLOBO. 2019. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/mulheres-surdas-nao-conseguem-denunciar-violencia-domestica-por-falta-de-interpretres-23597017>. Acesso em 18 jul. 2019.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça** – o poetry slam entra em cena. Synergies Brèsil nº9. 2011. Pp.119-126.

IGNÁCIO, Ana. **Roberta Estrela D'Alva, a voz pioneira nas batalhas de slam pelo Brasil**. GELEDÉS. 2018. <https://www.geledes.org.br/roberta-estrela-dalva-voz-pioneira-nas-batalhas-de-slam-pelo-brasil/>. Acesso em 17 jul. de 2019.

MARTINS, Leda. **Orality da memória**. In FONSECA, M. N. S. (Org). Brasil afro-brasileiro. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MOURÃO, Cláudio. **Literatura Surda: experiência das mãos literárias**. 2016. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PEIXOTO, Maíra Rosa. **Slam e teatro: experiências teatrais na quebrada, de Uberaba**. Anais ABRACE, v. 18, n. 1, 2017.

REIS, Samid. **Slam do corpo no manos e minas: empatia**. 2017. (2 min. 07 s.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jP3Qt67Ua2o>> Acesso em 13 jul. 2019.

SANTOS, Edinho. **Poesia Negro Surdo**. 2017. (2 min. 36 s.) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_iPayPxxh-h8&t=24s>. Acesso em 14 jul. 2019

SEGALA, Rimar. **Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina – Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, Gabriela Grigolom. **1º Slam Resistência Surda: entrevista com poetisa e organizadora**. 2018. Entrevista concedida a Michel Urânia. Disponível em: <http://www.aescotilha.com.br/colunas/zero-pila/1o-slam-resistencia-surda-entrevista-gabriela-grigolom-silva/>. Acesso em 16 jul. 2019.

SLAM: Voz de levante. Direção: Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D'Alva. Brasil/Estados Unidos: Pagu Pictures, 2017. Documentário (95 min.).

TRIPTV. **O silêncio e a fúria: poetas do corpo**. 2018. (7min. 37s.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jP3Qt67Ua2o>>. Acesso em 12 jul. 2019.